

AS ANDORINHAS: palestra de Alberto Faria na
Academia Brasileira. Ilustração Brasileira,
[s.l.], n.61, set., 1925.

Andorinha
Palestra de Alberto Faria
na Academia Brasileira

nº 61

Sob a invocação do vôo das pombas e das abelhas, umas e outras objecto de primitivos cultos totêmicos, fundaram-se oráculos em Dodónia e Épheso, cujas sacerdotisas lhes tomaram os nomes.

Que o mesmo teria succedido, em algum ponto da Héllade, relativamente ás andorinhas, parece indicial-o um epitáfio da ANTHOLOGIA, ver-naculizado pelo Sr. Benedicto Octávio:

Nesta campa, silente ora repouso,
Eu, Chelidônia, a antiga: quando em vida,
Sacerdotisa de Júpiter famoso.

Nos ritos instruída
Das sacras libações, que se preparam
Dos deuses sobre o altar,
Orgulhosa meus filhos me tornaram;
Jamais soffri pesar.

E' que os deuses observam, na verdade,
Todos os nossos actos de piedade
Com vigilante olhar.

Para os gregos, não era hebráico o que as chelidônias escreviam no céu, com as asas, embora estas, reduzidas no páiro das grandes alturas, dessem a impressão visual de caracteres da língua sagrada. Analogamente, para os novilatinos, que também tenham n'alma a divina scentelha da poesia, não é grego a escripta dessas plumitivas na tela firmamentária. Comprova-nos os hyptasyllabos de Fernando Caldeira:

Hoje, ao ver uma andorinha
— A embriagar-se de luz —
Vôar, vôar, a doudinha!
Por um momento suppuz

Que as pontas de suas asas
Eram pennas de escrever,
E o céu azul sobre as casas
Era o papel... Puz-me a ler.

Oh, meu Deus! era verdade,
No seu vôar incoerente
Eu soletrei, de repente,
Esta palavra: Saudade!

A differença consiste, de certo, em que onde nós, de humor melancólico, ás vezes lemos — **saudade**; elles, de imaginação ridente, liam sempre — **esperança**.

O' Júpiter, quando veremos tornar a andorinha? (por — quando se restabelecerá a felicidade?) era um provérbio em súplica, que Aristóphanes não só recolheu n-AS FESTAS DE CERES E PROSÉRPINA, mas ainda elucidou na **LYSISTRATA**.

O comediographo remoto allude, n-AS AVES, á canção da andorinha, **chelidonizein**, cujos cartores, **chilidonistai**, entoavam procedendo a uma collecta entre o povo. Diz-se que isso remonta a Cleóbulo, tyranno de Lindos, a quem se deve a idéa do petítório gentil, num momento de apuro financeiro. Poetas de nascença, os gregos imprimiam cunho esthético a todos os prazeres, até os decorrentes de necessidades materiaes. Depois de traduzir o canto na elegante prosa de **LES DEUX MASQUES**, Paul de Saint-Victor commentou:

"Mendicité ravissante. L'enfant, deguisé en oiseau queteur, tendait aux aumônes rustiques un nid d'hirondelle, en guise de sébile."

As dadas almoedaveis eram cestinhos de figos, fôrmas de queijos, bolos do trigo e ovos, tudo reclamado em verso, entre as phrases de início e termo, que eu mesmo verto do original:

A andorinha é vinda; ella é vinda
Do anno trazendo a estação linda!
.....
A porta abri-nos, sem demora,
A nós, da vida em plena aurora!

O costume, referido por Théogonis, em sua obra a respeito dos sacrificios rhodonianos, extendeu-se a Athenas, onde as creanças modu-

lam a **canção da andorinha**, agora na data fixa de 1º de Março, ao percorrerem as ruas levando imagens de passarinhos, dos reputados nuncios primaverais. E vemos, pelo traço pinturesco, que se confunde no extremo occidente, para o qual irradiaria, através da França quiçá, com o da festa do cúco, a 21 desse mês, quando os campôneos, em passeata jovial, restituem á liberdade avículas, mandando-as de uma freguezia a outra. Vestígio, desta, no Brasil, foi-me communicado pela mineira Alexina de Magalhães; em carta de 30 de Março de 1911, escrevia-me a hoje extincta professora, natural de S. João d'El-Rey:

"Andorinhas, tico-ticos e outros passarinhos das **Alleluias** sanjoannenses, costumavam, em meu tempo de mocinha, servir de mensageiros da alegria nos templos cathólicos. Com fitinhas azues presas aos pés, atiravam-nos das varandinhas do côro, das coxias, dos púlpitos, sobre a multidão, a côalhar de preto o assoalho dos mesmos, não havendo, como ainda não havia, nelles, cadeiras nas naves, e rara sendo a senhõra que durante as festividades da **Semana Santa** se animava a ficar de pé."

Mais que a **festa das árvores**, já adoptada no intuito de conjurar ruína futura, impõe-se a nosso espirito de conservação a **festa dos pássaros**, cuja iniciativa lembro a educadores da infância, para combater perigo sempre actual; porquanto o desapparecimento delles também importa em risco á vida humana. Realizando-a periódicamente nas escolas, conviria ler então ás creanças páginas de Salvador de Mendonça, no romance **MARABA**, descrevendo o secular asylo das andorinhas do Salto de Itú; ou as consagradas ás de Campinas, onde se conglomeram á cerca de vinte annos, em livro do abbade Gafre, discurso de Ruy Barbosa, poema do Sr. Alberto de Oliveira, chônicas e phantasias das Sras. Julia Lopes de Almeida e Amélia de Rezende Martins, etc., as quaes páginas podem formar collectânea, além de suggestiva, devéras bella, como attestam dois extractos que ides ouvir.

A meu querido collega, o Sr. Aloysio de Castro, que disse ha pouco:

Cada vôo é um poema e uma figura:
Felizes os que vivem decifrando
o que as asas escrevem pela altura...

peço que vos transmita a impressão de uma figura de Ruy Barbosa, em trechos do discurso proferido a 24 de Junho de 1911, no **Centro de Sciências, Letras e Artes**, de minha amada terra adoptiva:

"Muitas e muitas vezes me attraui aqui, nas tardes de estio, á vossa praça de Carlos Gomes o espectáculo da volta das andorinhas. Louvada seja a vossa edillidade, por haver respeitado essa maravilha, e não ter resfeito a antiga pousada a esses alados mensageiros do espaço. Os extranhos, os peregrinos da curiosidade e do gosto virão com frequência contemplar embevecidos, como eu, o incomparavel quadro vespertino. O pincel dos amigos da natureza trabalhará por debuxal-o nas telas com as mais suaves tintas da sua palheta. Algum poeta o dedilhará na lyra, em versos que perdurem como os de Anacreonte.

Eu não canto, nem pinto; mas revêjo e recordo.

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esváia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a saphira celeste, um ponto retinto, perdido nos lonjes mais remotos, se accentua em negro na cúpola do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como si a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de além, varasse alli a redondeza anilada.

Era um, e, logo após, são muitos, já vêm surdindo innumeraveis, já parecem infinitos; já se cruzam e recruzam; já se encontram e circulam, já se condensam e escurecem. Eram um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já se refervem em enxames e enxames,

já se extendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteadas de branco, a librar-se entre a terra e a immensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, fluctuando, rasga-se na corôa das palmeiras, açouta os fios telegráphicos, resvala pelos tectos de casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de crystaes que se despedaçam, chilreada immensa de vozes, grasnidos ás dezenas e dezenas de milhares, perde, mergulha e desaparece, numa immensa curva borbolhante, por sob o largo telheiro abandonado que essa aérea multidão erradia elegera entre vôo para abrigo do seu descanso nas cálidas noute de verão.

Quando os meus olhos seguiam a evolução desse phenomeno encantado, como a consciéncia segue os seus pensamentos, o coração as suas saudades, a phantasia as imagens de seu sonho, figurava eu que, um dia, tres séculos atrás, um aborigene dessas regiões, sósinho nessas alturas des povoadas, estaria vendo também, com admiração e pasmo, assomar nestas paragens, cobertas agora pelos vossos cafezaes e pela opulência das vossas cidades, o primeiro emissário de um desconhecido mundo, cuja audácia transpuzera o mar tenebroso como o destes emigrantes do espaço vinga os céus incommensuraveis.

Após esse, no seu encaço, vieram acudindo outros, outros e outros, familias, tróços, ranchos aldeamentos, povoados, villas, exércitos, colônias toda uma raça de heróicos aventureiros, que galgava as serras, semeava os campos, domava o caudax, transpunia as catadupas, revolvía as minas, affrontava os desertos, rompia as selvas abysmando em assombro os primeiros habitante destes ermos, e alastrando essas mysteriosas terras com uma inesperada enchente humana.

Deante della, o autochtone, attônito e vencido, alongou-se pelos recessos, cada vez mais distante da solidão inexplorada, e sumiu-se nas últimas fronteiras do continente invadido, á medida que, no território abandonado pelos soberanos do outr'ora, se agigantava esse poder novo e irresistível: a **civilização paulista**, em cujo horizon scintilla tão distinctamente a estrela de Campinas."

Agora, um poema, recitado pelo próprio autor, a meu pedido ainda.

Ides ouvir Theócritto, senhoras,
Ou, como apraz... de Téos o citharedo.;

porque em vossa memória "perdurem como os de Anacreonte", os versos do sr. Alberto de Oliveira, **A's andorinhas de Campinas**:

Andorinhas do céu de Campinas, viajeiras
Dos descampados do ar, na terra em que as palmeiras

São mais verdes e o azul mais diáphano, jamais
A tarde esqueceréi, em que vi, festivaes
Sobre a vossa cidade e as árvores vizinhas,
Voardes, buscando o pouso, ó leves andorinhas

Das commoções do dia exagitado ainda,
Viva na alma sentindo impressa a imagem linda
Da natureza nova em seus encantos, eu
Ansioso esquadrinhava os recantos do céu,
De onde devíeis vir, e onde ás nuvens do Poent
Tingia, entrado, o sol de ocre e cinábrio ardente

Que formosos que sois, crepúsculos do Sul!
Frocados arreboes, — tendas do Sahara azul
Do Ether! luz a vasquear em somnolentos raios
Vossos reflexos de ouro e serenos desmaios,
Ao que extasiado os vê, nas rotinas lhe vão,
Enchem-lhe os sonhos bons, descem-lhe ao coração
E accordam-lhe, banhando-o em sua claridade,
Desejo de ainda os ver e uma vaga saudade.

Eis já, porém, chilreando, as primeiras de vós,
Hospedas do ar! E cem outras ahi vêm após,
Cem e cem, mil e mil... E errantes, bando
[bando]

